

## O Manual de Sobrevivência e a Literatura de Vanguarda – Acerca de um Livro de Elcy Luiz da Cruz.

**Jayro Luna (Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna)  
UPEVFaceteg**

Elcy Luiz da Cruz é um autor voltado para a Literatura de Vanguarda e Experimental. Tendo comido dos biscoitos finos que saíram do forno literário de Oswald de Andrade produz uma obra rica de experimentações criativas e renovadoras no âmbito do romance contemporâneo brasileiro.

Seu *“Almanaque de Sobrevivência no Mundo Atual”* se insere nessa perspectiva, aprofundando idéias estéticas que se encontram germinando em *Tua Tarde Que Gira Em Torno De Tua Última Noite* (Olinda-PE, 2005) e *No Meio da Noite Escura* (EDUPE, 2010).

O *Almanaque* ainda é uma obra inédita, tive o prazer de lê-la numa espécie de *avant-première*, devido ao conhecimento de amizade que tenho com o romancista. Prazer que espero venha a se tornar em breve uma possibilidade pública a todos os leitores interessados no conhecimento da experimentação criativa no âmbito da narrativa brasileira.

A narrativa em *Almanaque* é alegórica, os personagens são arquetípicos no sentido de que representam mais do a referência direta a uma personalidade específica. Por exemplo, no capítulo “A Ema Gemeu” é possível identificar uma intenção crítica e paródica com a figura do político Marcos Maciel, porém, não é apenas essa referência que se constrói, mas sim é uma caricatura, de modo que ali se representa a visão crítica de uma política calcada no casuísmo, no nepotismo e na intransigência:

*“Era uma vez um político famoso desses que não saem de cena. Passa sol, passa chuva, vem os golpes, as tiranias, o liberalismo, os governos democráticos, e ele lá. Não se sabe como: no poder. Poder vai, poder vem, o nosso arauto das oligarquias em sua eterna indumentária de pacifista, um terrorista silencioso. Aqui jaz a ética e a moral, aqui vive a esfinge da pluralidade retórica. Apolítico, apesar de político, assexual, apesar de libidinoso, associal, apesar de porta-voz dos humildes (só da voz mesmo). Deitou sobre a bandeira nacional e ali escreveu sua história. Ouçam-me leitores de boa fé. Ele era da estirpe dos agraciados, Deus o tenha.” (p. 1)*

Esse procedimento, ao mesmo tempo em que cria uma referência que pode ser identificada com o contexto político-social e cultural de modo a percebermos uma outra figura do cenário atual do Brasil, também abre essa referência para uma alegorização, no sentido mesmo da carnavalização bakhtiniana, de maneira que o personagem passa a representar algo maior que sua própria identidade, mas sim, uma personagem que representa uma classe, uma categoria, um grupo.

Algo parecido foi feito pelo Neo-realismo no auge de seu radicalismo crítico-social, mas aqui abre-se o âmbito da inventividade criativa, próximo da recuperação de procedimentos estéticos cubo-futuristas como o fizera Oswald de Andrade ou Blaise Cendrars.

A palavra se liberta aqui e ali do referente imediato e se torna uma possibilidade de metalinguagem:

*“Mas quiçá das palavras quase pobre de seu extenso vocabulário silencioso ele se fez imortal. E não ousem achar outra forma: imortal não literariamente falando, mas falando literalmente. Não morreu jamais. E Deus pensava que vivia brincando. Ele é que determinou outras formas para Deus brincar ao reinventar sua própria morte no desenho esguio de sua eterna vida. O poste.” (p.3)*

Os capítulos tendem a ser curtos devido a rapidez da narrativa, metáfora da comunicação moderna, contínua e multifragmentada. É preciso ter a capacidade da leitura caleidoscópica e ir descobrindo os elos que reconstroem o golem. A desconstrução narrativa, o fio da meada que se desnova e se embaralha é provocado e providencial. A cultura mosaica ao modo como anunciava Abraham Moles se torna aqui o espelho convexo que apresenta a imagem desvelada do panorama cultural midiático e alienante da contemporaneidade:

*“Pensei: quem põe em livros as desgraças que acontecem em nosso cotidiano não pode ser chamado de escritor. Por isso peço a todos os senhores que abominem este livro. E sugiro uma emenda na constituição que a partir de agora só se poderá escrever sobre coisas boas como ética e moralidade. O senado não aprovou a emenda, mas o presidente assinou: não se sabe como a emenda foi parar em sua mesa de assinaturas de papéis.” (p.4).*

Existe na Literatura Brasileira um rico veio criativo que ao meu modo de ver, teria se iniciado com Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que a ironia se torna a figura determinante de vários aspectos dessa narrativa. De fato como diz Muecke:

“A ironia neste último sentido é a forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento da significância. A velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar a entender o contrário – é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infundável de interpretações subversivas.” (MUECKE, p. 48)

Assim ocorre com o efeito irônico no *Almanaque de Sobrevivência* no Mundo Atual. Já a partir do título em que a idéia de Almanaque<sup>1</sup> é ironicamente substituída a idéia de tratar-se de um romance. O livro assim apresentar-se-ia como uma obra que busca apresentar ensinamentos ao leitor para poder sobreviver no mundo urbano, midiático e fragmentário atual. Mas o autor não tem de fato essa ousa pretensão, mesmo porque o que se instaura na obra em questão é a ironia, a paródia, a carnavalização.

O que se apresenta desconstruído é o retrato da sociedade, mesmo porque se o apresentasse harmonioso, composto pela unidade de espaço e de tempo, deixaria de atingir um de seus principais objetivos que é a demonstração presente, contínua, imediata do desfacelamento dessas antigas regras aristotélicas pela sociedade contemporânea. Assim, a unidade, a harmonia, a verossimilhança e a *mimesis* tornam-se mitos diante da crueldade dos procedimentos unidimensionais e alienantes dessa mesma sociedade, como já de algumas décadas observava Hebert Marcuse<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Um **almanaque** ou **Almanach** (do árabe *al-manākh*) é uma publicação (originalmente anual) que reúne calendário com datas das principais efemérides astronômicas como os solstícios e fases lunares, mas atualmente os almanaques englobam outras informações com atualizações periódicas específicas a vários campos do conhecimentos.

<sup>2</sup> Veja-a respeito as obras *Eros e Civilização* (Rio de Janeiro, Zahar, 1964) e *Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional* (Rio de Janeiro, Zahar, 1968)

O espaço e o tempo se dinamizam de uma forma na narrativa de Elcy Luiz da Cruz que a própria lógica narrativa se vê transposta para a possibilidade multidimensional, em que o ato da escrita, o fazer literatura se apresenta como parte integrante da obra, leiamos, a exemplo disso, o capítulo “Álbum de Figurinhas”:

**“Álbum de figurinhas**

*Saiu o álbum de figurinhas do espiritismo. Colecione já. As figurinhas podem ser adquiridas em qualquer sessão espírita. Incorpore esta idéia.”*  
(p.5)

Os vários gêneros narrativos se apresentam em contínua ressignificação na obra, o dramático, o lírico e o poético, o narrativo, o dissertativo, o descritivo, etc. Na leitura da obra, o autor pode sentir uma ligeira vertigem, se o que busca é a linearidade, o lógico, as relações diretas entre causa e consequência. Não as encontrará, antes o que se apresenta é o caleidoscópio da palavra em constante mutação sónica.

O conceito de ressignificação aqui citado é como o defendo na *Teoria do Neo-estruturalismo Semiótico* (2006):

*“Tradição versus presente, pois o símbolo é ressignificado, o seu valor do passado se apresenta agora coberto por uma nova camada significativa, do confronto dessas duas camadas surge uma interpretação histórica da obra”* (LUNA, p. 47)

Vejamos o capítulo “O Andor”, em que a palavra se fragmenta poeticamente através de recurso tipográfico, de modo que o que se apresenta é a multiplicidade sónica da palavra poética:

**“O andor**

*Retirou a bíblia e colocou em seu lugar uma TV de 42 polegadas. Saíram em vigília. A TV em cima do andor. **Uma andorinha só não faz verão.**”*  
(p.5)

Elcy Luiz da Cruz apresenta nessa obra a noção da destruição do conceito de romance surgida com o Romantismo, de uma obra caracterizada pelo destronamento do conceito de herói clássico, representativo da chegada da burguesia ao poder e ao domínio do estado. O cotidiano fragmenta a personalidade clássica baseada na identidade unívoca pela impressão da contextualização múltipla. Ressignificando a figura do demônio Legião, que Mário de Andrade<sup>3</sup> bem soube recolocar em voga, como forma de demonstração crítica dessa nova realidade.

Nesse âmbito o próprio conceito de livro se desconstrói, antes o que seria a idéia de romance se coloca agora como a escrita nervosa em busca de sua significação mais próxima da vida:

*“Um livro deve vingar-se de dor. E deve doer outras dores.*

*Um livro não apresenta regras. Um livro que se preze nem sempre parece com um livro.*

*A literatura está sempre realizando o futuro. A literatura é um barco à deriva.”(p.22)*

A idéia do livro com fim último da realidade, antes já expressa magnificamente em Mallarmé<sup>4</sup> e depois ressignificado por Augusto de Campos, aqui se vê configurada na concepção de que o ato de contar histórias agora não tem mais significação coerente como era o procedimento dos aedos, dos contadores de histórias. Não, o que temos é o contador de histórias em busca de

---

<sup>3</sup> Mário de Andrade, “Sou Trezentos”, transcrevo a estrofe final:

*“Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,  
Mas um dia afinal eu toparei comigo...  
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,  
Só o esquecimento é que condensa,  
E então minha alma servirá de abrigo.”*

<sup>4</sup> Ronaldo Entler: “Enfim, Mallarmé deixou o fundamento de um livro que não é mero suporte para a arte, mas produto dela. Como objeto, ele não tem a função provisória de ser o guia para a concretização sonora do poema, ele é um mapa que se revela labirinto: ele se constitui num jogo (no duplo sentido da palavra jogo, é lúdico e impreciso) onde, perdendo-se e encontrando-se, o leitor percorre um trajeto que demarca também uma estrutura visual complexa, “a conquista da quarta dimensão, um tempo einsteiniano”.” (fonte: <http://www.entler.com.br/textos/mallarme.html>).

sua própria história, em busca da unidade perdida, em busca do tempo perdido ao modo dum Flaubert errante.

Não há também como não lembrar da experimentação narrativo-poético de Haroldo de Campos em *Galáxias*<sup>5</sup>, cuja obra se faz ou se refaz no ato da leitura da palavra em busca de sua significação.

No *Almanaque* de Elcy, esse procedimento da palavra como viagem pelo mundo da significação em busca desenfreada pela construção da realidade, ou melhor, pela reconstrução da realidade está presente como artifício necessário:

*“Eu volto logo! Minha dor tua dor o quadro de Monet ao fundo, uma ponte, uma história, um futuro, mas uma cidade embaçada pela dor do artista, um poeta mal lido, e tua voz a repetir, “não percebes que só tu insistes nesse nosso caso!”, “há muito nossa relação anda desgastada”, e eu a te amar sem entender, a ponte, a cidade, o quadro ao fundo, o meu cenário e o teu, me dizes onde errei, “erramos!”, não compreendo, tua voz veemente e eu sem acreditar rabisquei qualquer coisa no verso do postal, um quadro de Monet, eu te amo muito, “esse postal eu não tinha”, “eu adoro Monet”, “mas a gente já passou”, o que quer dizer passou, eu não entendo, E minha mão a acariciar teu rosto, tua mão a cortar ríspidamente minha ação, tu deste um beijo, mas foi coisa rápida, o telefone tocou, tu desligaste, não entendi de novo, tu saíste, fiquei a observar o quadro de Monet, não ligavas mais para mim, atendias minhas ligações com incômodo, não te mandei mais flores, a saudade só aumentou e eu sem entender nada, uma cidade ficou para trás, uma ponte ficou para trás, eu fiquei para trás, e a vida cheia de pontes e cidades a continuar sua marcha, eu a pensar nisso tudo, a esquecer de mim, a não saber o rumo, um quadro de Monet ao fundo, o cenário perfeito de tudo, na frente desse cenário apenas eu e minha dor (...)” (p.38)*

A náusea sartreana é reconfigurada também pelo desejo de encontrar a unidade perdida. Porém, tal desejo nunca é satisfeito, a felicidade utópica é inatingível, e a voz do narrador se faz presente num contínuo devir. O amor, a felicidade, a justiça, a harmonia e a natureza humana se vêem como partes dum mosaico ou dum espelho partido, cuja possibilidade de colagem ou de bricolagem é antes uma técnica cubo-futurista do que uma procedimento de salvação, está apenas existe enquanto motivo paródico da ideologia moderna:

*“Gastei algumas horas na combinação de frases que pudessem encontrar algum veio literário. Mas nem tanto literatura, é mesmo um misto de*

---

<sup>5</sup> CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo, 34 letras, 1988.

*desabafo que me entorpece. Tua imagem é quase irredutível de minha vida; por isso, vire e mexe, eu te encontro em meus pensamentos.*

*A imagem tua que me consome é aquela da varanda do quarto em que fizemos amor. Tu decidida te despiste deixando a silhueta de teu corpo desenhar a noite sem lua. Teu corpo nu de costas para a rua banhava-me de um êxtase único. E assim, encantado, era como se toda a natureza se desnudasse para mim.” (“Capítulo V”, p. 41).*

O episódio acima, que tem por título “Capítulo V” não remete a uma ordem de capítulos no romance, de fato a estrutura desse romance é a de um multilivro, isto é, são livros dentro de livros, porém todos os livros aqui inscritos tem como característica a incompletude, livros que se misturam enquanto intenções de obra. O leitor encontrará grupos de capítulos que parecem ser trechos de romances incompletos como “O Mundo de Beatriz”, “Romance Onírico (fragmentos)”, “Quando a noite fria nos envolve como cobertor (Projeto de um romance inacabado)” e “Apontamentos de escritor”.

As histórias são aqui como fragmentos de uma história desconhecida na sua estrutura completa, caso exista. Como o homem moderno, impaciente diante da televisão, correndo o controle-remoto em busca do programa que lhe traga satisfação da posição passiva de telespectador, porém, num processo próximo do *Poltergeist*<sup>6</sup> ou de *Videodrome*, as imagens ali colocadas, em cada canal, são pedaços de um retrato que se insinua como a vida contemporânea.

Temos que considerar a importância da personagem Beatriz na obra. A grande personagem feminina deste Manual de Sobrevivência e seu conturbado romance com Lucas, professor de História. Este, por sua vez, personagem cuja personalidade se mistura com a do narrador, sendo o escritor, enquanto personagem, espécie de alter ego de Lucas. Beatriz, como a Beatriz virgiliana, vai guiando o escritor pelos labirintos de um mundo infernal e urbano. A relação amorosa estabelece-se sobre uma tensão constante. Num determinado momento, Lucas mata Beatriz, numa cena tão misteriosa quanto a morte de Marta em Confissão de Lúcio, de Mário de Sá-Carneiro. Nos capítulos seguintes, Beatriz

---

<sup>6</sup> *Poltergeist* (1982), direção de Tobe Hooper, com Cragi Nelson e Jobeth Williams. *Videodrome* (1983), direção de David Cronenberg, com James Woods e Sonja Smits.

reaparece seja como memória, seja como espécie de personagem espectral. Temos ainda a cena de seu velório e a prisão de Lucas. Beatriz transgride as normas e chega a usurpar o poder do escritor de definir os caminhos da história, é preciso retirá-la da obra, mas o amor do escritor por ela torna o grande empecilho:

“E Beatriz era a protagonista de tudo. Não podia acreditar. Se ponha no meu lugar leitor. Se fosse com você? Também não precisa me xingar. É só uma suposição. O que você faria?” (p.25)

Outras quase-personagens femininas aparecem, como Verônica, Dalva, Isabel. Dalva é um espectro da cantora Dalva de Oliveira. Isabel, parece ser uma aluna na aula do professor. Ao final, Isabel e Beatriz, já morta, dão-se as mãos e seguem para além do romance.

Lembremos em Oswald, *Serafim Ponte-Grande*, do conflito entre Serafim e Pinto Calçudo acerca de quem é o protagonista e de como Pinto Calçudo é retirado da obra. Aqui, há algo de semelhante, porém, a personagem que está usurpando o espaço na obra é uma personagem feminina que conquista o amor do eu-masculino, suposto autor da obra. O conflito se estabelece num limite tênue entre amor e ódio.

Romance de Invenção, no mais teor do conceito, neste Manual de Sobrevivência Literária, de Elcy Luiz da Cruz, o elemento que vem se tornar o principal obstáculo ao domínio consciente da escrita é a vanguarda literária e sua relação com o mundo moderno, urbano, agressivo, veloz, se personificando numa figura de mulher, envolvente, apaixonante: metáfora de nossa realidade.

A blague, a paródia, a ironia se consubstanciam numa narrativa em que a relação entre contexto sócio-histórico e ficção literária não tem uma ligação unívoca, mas antes metaforizante, mas também, metonímica, uma vez que a soma das partes não representará o todo, este definitivamente perdido, causa última da angústia do narrador:

*“E Tom Zé saiu apressado de um show de rock no Recife. Ele teve um ataque de alegria. Seus batimentos cardíacos bateram um som pesado demais. O corpo não agüentou a adrenalina. Deus olhou aqueles meninos gritando ao som de Tom Zé e disse: Ainda há salvação para a humanidade.” (p.49)*

Assim, as próprias partes do livro buscam a unidade perdida, como um autômato em busca de vida própria, porém, espécie de replicante (*Blade Runner*) que se sacrifica como prova final de sua humanidade, só resta à obra a constatação de sua multiplicidade:

***“Do capítulo I para o capítulo V : ‘Alguma pista do autor?’ ‘Ainda não!’.”***

A Literatura Brasileira se enriquecerá criativamente e criticamente com a publicação do *Almanaque de Sobrevivência No Mundo Atual* de Elcy Luiz da Cruz

#### REFERÊNCIAS:

CRUZ, Elcy Luiz. **Tua Tarde Gira Em Torno de Tua Última Noite**. Olinda, Livro Rápido, 2005.

\_\_\_\_\_. **No Meio da Noite Escura**. Recife, Edupe, 2010.

LUNA, Jayro. **Teoria do Neo-estruturalismo Semiótico**. São Paulo, Vila Rica, 2006.

MUECKE, D.C. **Ironia e o Irônico**. São Paulo, Perspectiva, 1995.